



RAFAEL MATHEUS MOREIRA

REGISTROS
GERAIS

ENCANTARIAS
IDILICAS

TRANS, AMAZO NICA

QUEBRAS

O NASCIMENTO
DAS TUPINIQUINS

GALERIA BENEDITO NUNES

CURADORIA POR **EDUARDO BRUNO** E **WALDIRO CASTRO**
PROJETO CONTEMPLADO PELO *PRÊMIO BRANCO DE MELO 2025*



Trans Amazônica

RAFAEL MATHEUS MOREIRA
2026

APOIO

MT
Projetos de Arte

PLATAFORMA IMAGINÁRIOS

REALIZAÇÃO

Benedito Nunes
GALERIA BENEDITO NUNES

BRANCO DE MELO
EDITAL 2025



FUNDAÇÃO
CULTURAL
DO ESTADO
DO PARÁ

GOVERNO DO
PARÁ
POR TODO O PARÁ



RAFAEL MATHEUS MOREIRA (1996) é o nome artístico da pintora e pesquisadora Rafaela Moreira. Nascida em Belém do Pará, é licenciada em Artes Visuais pela UFPA e mestra em artes pelo PPGArtes. Sua pesquisa e seu trabalho artístico aprofundam o atrito entre os corpos trans e os padrões hegemônicos, abordando identidade, lugar social e mitologia travesti. Entre 2021 e 2023, realizou residência no Rio de Janeiro pelo MT Projetos de Arte, que resultou em sua terceira mostra individual "**O Nascimento das Tupiniquins**" (2022), e na vídeo performance "**Encantarias Idílicas**", vencedora do Arte Pará 2022. Foi a primeira artista trans com estande solo na feira ArtRio (2021), onde exibiu a série "**Registros Gerais**". Sua obra "**Trava na Beleza - Safira**" integra o acervo permanente do MASP desde 2022, tendo participado, na instituição, das exposições "**Histórias Brasileiras**" e, mais recentemente, "**Histórias LGBTQIA+**", na qual apresentou seu retrato da deputada federal e ativista Erika Hilton. A artista integrou a I Bienal das Amazônias em 2023 e conquistou seu segundo Prêmio no Arte Pará em 2024 com a série "**Quebras**". Em 2025, realizou sua quarta exposição individual em Belém, intitulada "**Como Pintar Uma Travesti?**", com curadoria da Profa. Dra. Rosangela Britto e da Profa. Dra. Mayrla Andrade. No mesmo ano, venceu o Prêmio Branco de Melo, que viabilizou sua exposição individual, "**Trans Amazônica**" na Galeria Benedito Nunes da Fundação Cultural do Pará, em 2026.





TEXTO CURATORIAL

A técnica, termo tão fundante do que se entende como arte no Ocidente, longe de ser um saber estabilizado ou um domínio que antecede a experiência, emerge nas mãos de Rafaela Moreira como algo que se encontra no percurso e se transforma junto com ele. Em *Trans Amazônica*, a técnica não é um fim, mas um campo de disputa e um território atravessado por tentativas, apropriações e reinvenções. Assim, pintura, fotografia e performance surgem como meios porosos, continuamente reconfigurados a partir das urgências do corpo, da memória e do território.

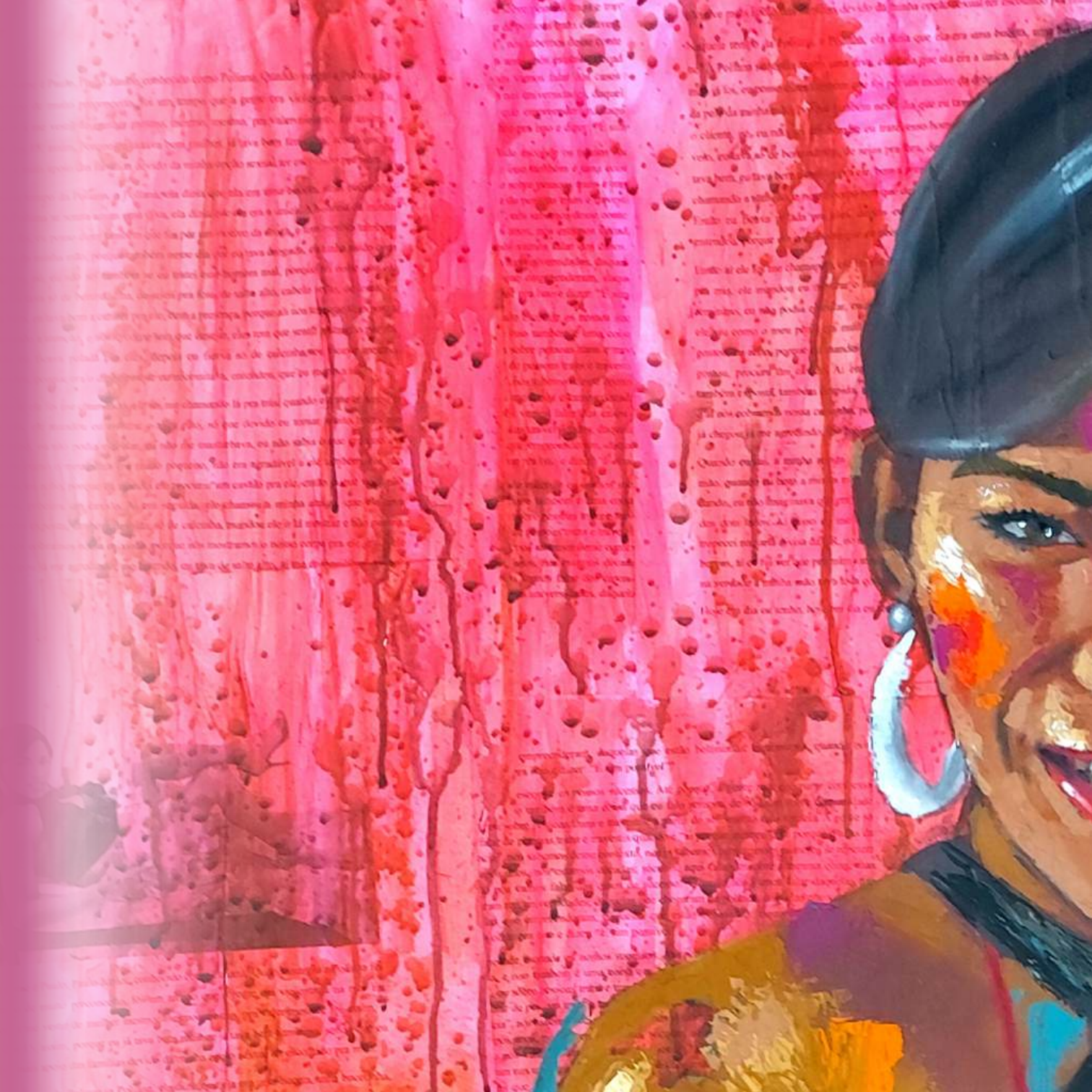
A apropriação da técnica, nesse contexto, não opera como citação nem como gesto de neutralidade formal. Ela é fricção. Ao deslocar a pintura – gênero clássico da história da arte –, materiais associados à tradição colonial – como o azulejo – e dispositivos burocráticos de identificação – como a fotografia 3x4 –, a artista produz uma técnica que se constrói no embate entre o herdado e o que precisa ser quebrado, entre a norma e a possibilidade de reescritura.

O próprio título da exposição funciona como chave metodológica. Trans Amazônica evoca a rodovia que corta a floresta como promessa de integração, ao mesmo tempo em que questiona a cicatriz colonial reiterada por um desejo de modernidade que se materializa de forma ampla durante o período da ditadura militar. Ao se apropriar desse nome, a artista aposta também em um jogo semântico, no qual Trans Amazônica se torna um neologismo para pensar percursos subjetivos e artísticos que se constroem em trânsito, conectando corpos e territórios nortistas e nordestinos à história da arte.

Enquanto percurso não linear, a exposição se estrutura por desvios, sobreposições e camadas, articulando eixos e zonas de intensidade das experiências trans na Amazônia a partir de quatro séries já consolidadas na trajetória da artista – Quebras, O Nascimento das Tupiniquins, Encantarias Idílicas e Registros Gerais –, em diálogo com Trans Amazônica, série homônima da exposição que, em chave processual, aponta para espaços de descoberta e deslocamentos na poética de Rafa Moreira.

Assim, esta exposição é mais do que a reunião de obras já apresentadas ao público com trabalhos inéditos: ela se constitui como um campo de forças em que arte, corpo e território se implicam mutuamente, convidando o(a) visitante a percorrer não apenas um espaço expositivo, mas um processo vivo. Um percurso que não se oferece como narrativa totalizante, mas como construção, em que as obras atuam como pontos de inflexão, gesto e invenção de si e do mundo.

Eduardo Bruno e Waldírio Castro
Curadoria e Expografia



ARQUEO — LOGIAS DO FUTURO:

CORPO, MEMÓRIA E PINTURA TRAVESTI NA AMAZÔNIA

Rafaela Maria Moreira Monteiro

Minha pintura nunca foi apenas sobre colocar tinta sobre tela, mas sobre desenterrar a cidade que carrego sob a pele, uma Belém de azulejos rachados e rios subterrâneos que correm em meu sangue. Penso no meu corpo como um território habitado, uma arquitetura viva onde a memória colonial e a resistência travesti se fundem, criando uma geografia íntima e coletiva. Esta poética que brota de mim não é um grito solitário, mas um eco que busca ressoar em outras existências, “eu estive aqui, nós estivemos aqui”, marcando nossa passagem no mundo com a permanência da tinta sobre tela, sobre pele, sobre vidro, sobre vida e memória.

Em meu fazer artístico, o rosto emerge como o território supremo dessa batalha e celebração. Sendo o maior símbolo de humanidade, aquele pelo qual somos reconhecidos, amados ou rejeitados, ele se torna o centro da minha investigação pictórica. Na série Registros Gerais, trabalho com acrílica sobre vidro, um suporte frio e transparente que, paradoxalmente, abriga o calor da vida. Cada pincelada é um ato de humanização, um desfazer meticuloso dos estereótipos cisgêneros que tentam apagar nossa individualidade. Não se trata de criar máscaras idealizadas, mas de revelar a alma que habita aqueles rostos, de devolver a eles a profundidade e a dignidade que o olhar hegemônico insiste em negar. É no vidro, nessa superfície que não reflete a si, mas apenas a verdade nela depositada, que a imagem trans aparece em sua essência mais crua e bela, desafiando quem observa a encarar sua própria humanidade na nossa.

Para além do retrato íntimo, há a necessidade épica de reescrever narrativas. Em O Nascimento das Tupiniquins, não me contento em simplesmente inserir corpos travestis em moldes clássicos, eu os torno a própria origem. Reinterpreto “O Nascimento de Vênus” substituindo a divindade europeia por travestis amazônicas, que emergem não de uma concha no mar, mas do calor úmido da cidade, cercadas por fragmentos de azulejos portugueses e a poesia marginal das pixações. Aqui, a cidade não é pano de fundo, é a concha primordial, o ventre que gera uma nova mitologia. A Vênus Tupiniquim não é um objeto do olhar, mas a força criadora de um mundo onde a beleza e o divino têm rostos, corpos e histórias como os nossos, uma afirmação de que nossa existência é, em si, um ato de criação mitológica.

Esse reencantamento do mundo se expande para o reino do performático e do fantástico em Encantarias Idílicas. Ao me colocar em cena como a Filha do Boto, ao lado do artista Allyster Fagundes representado como uma sereia andrógina, eu não apenas represento um mito regional, eu o reivindico e o transfiguro. A performance fotográfica permite que o corpo habite a lenda, que a cidade e a floresta se fundam no imaginário travesti. O boto, figura sedutora e perigosa do rio, torna-se ancestral, uma força de desejo e transformação que ecoa em nossos corpos. É uma arqueologia do futuro, onde desenterramos mitos do passado para neles plantar novas sementes de existência, demonstrando que a identidade travesti é tão fluida, poderosa e encantada quanto as lendas mais antigas da Amazônia.

E é nesse amplo espectro, do íntimo retrato ao épico mitológico, que a série Quebras atua como um eixo conceitual. Ela é a coluna vertebral que sustenta essa poética, o gesto consciente de subverter os gêneros clássicos da pintura para neles entranhar corpos trans paraenses como protagonistas de suas próprias histórias. A “quebra” não é apenas estética, é epistêmica, ela rompe com a lógica cisgênera que reservou para nós apenas os lugares da marginalidade, do fetiche ou da patologia. Ao colocar travestis no centro de uma natureza morta, de uma pintura histórica ou de um nu, eu não estou apenas pintando figuras, estou restituindo a humanidade, a história e a sacralidade que nos foram roubadas. A cidade, mais uma vez, se faz presente na metáfora do Raio que o Parta, ensinando que a criação mais potente muitas vezes surge dos cacos, daquilo que foi desprezado, da beleza que insiste em florir mesmo na ruína.

Dentro desse trabalho eu entendo a poética como um sopro que vem de dentro, algo que não se explica, mas se sente. É quando a vida criadora transborda e encontra forma, não como um discurso pronto, mas como um pulsar que nasce da experiência mais íntima. A poética não está nos manuais, nem nas teorias que tentam enquadrá-la, ela é o movimento orgânico de quem cria a partir do que é, do que sonha, do que resiste.

Então uma poética travesti seria uma poética feita pela travesti. Talvez não apenas pelo “ser”, mas pela “consciência de ser” e das implicações que isso traz, uma poética que nasce do reconhecimento da própria existência como ato político, da compreensão de que o ato

criador é um gesto de resistência e reinvenção. É uma poética que não se contenta em reproduzir a dor ou a marginalização, mas que ousa celebrar a vida, os sonhos e a potência de existir além dos estigmas. Ela é orgânica, pulsante, feita de memórias, esquecimentos e recomeços. É a arte que não apenas reflete quem somos, mas que também cria quem podemos ser, desafiando as narrativas cisgêneras e reescrevendo a história com nossas próprias mãos. Uma poética travesti na amazonia paraense é a recusa do apagamento, é a recusa da caricatura, é a possibilidade de criar para (Re) existir.

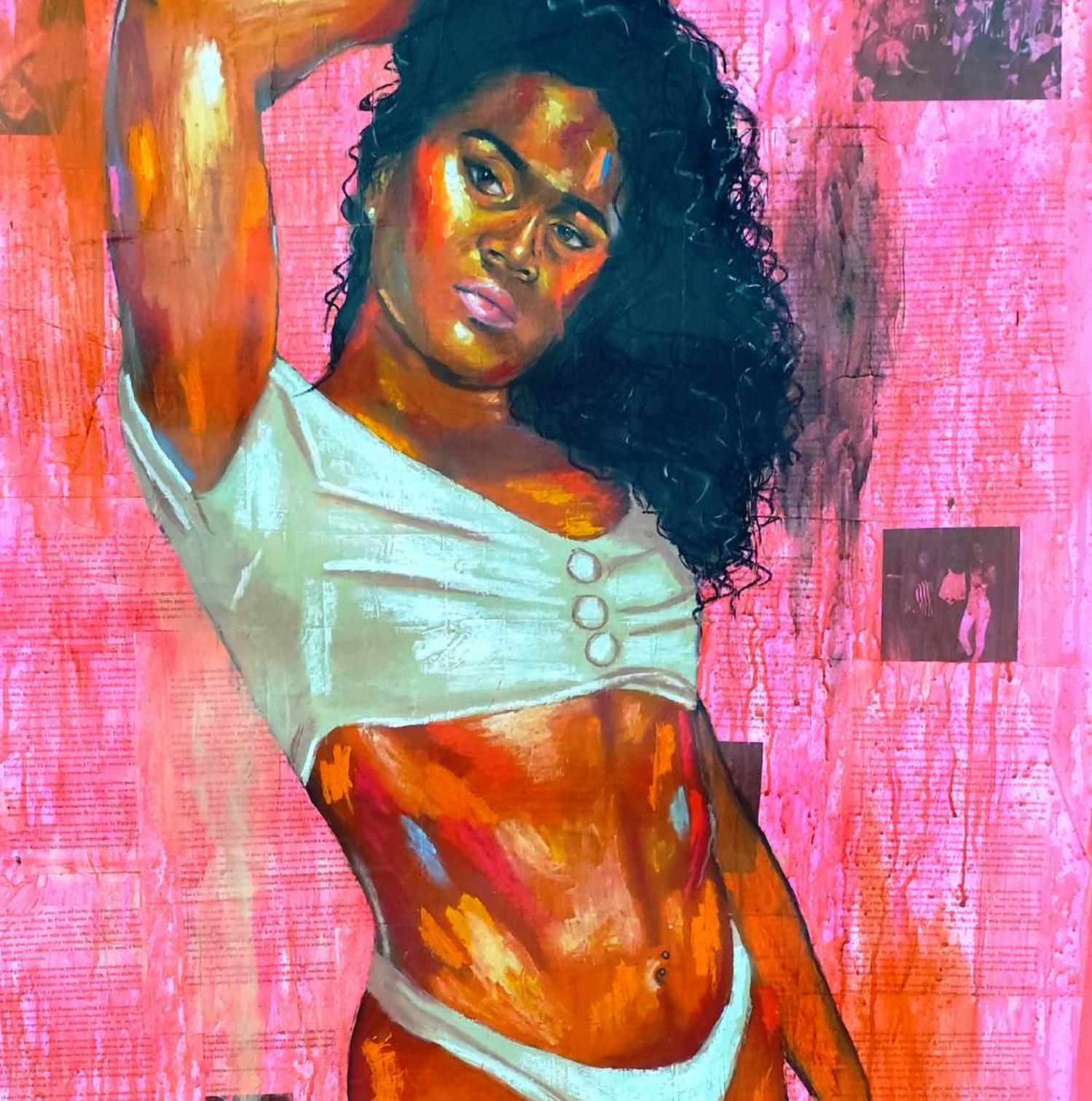
Este fazer em artes visuais é, antes de tudo, um ato de consciência no mundo. É o reconhecimento de que meu corpo, tantas vezes apagado e violado, é também um portal, uma fresta por onde transborda uma imensidão íntima. Cada tela, cada performance, é uma porta aberta entre meu universo interior e o mundo exterior, uma tentativa de compartilhar não apenas uma imagem, mas um modo de ver, um sentir. É uma poética que nasce da alma, que entende que pintar é reencarnar o real, é tecer com cores um sonho de mundo onde as travestis são celebradas, amadas e lembradas não por como morreram, mas por como viveram, amaram e criaram.

Meu trabalho, portanto, não é sobre mim, Rafaela, individualmente. É sobre tornar visível a cidade invisível que toda travesti carrega dentro de si, aquela metrópole de afetos, lutas e belezas que a cisgeneridade insiste em negar. É sobre deixar um legado, um arquivo afetivo de que fomos, somos e seremos. É sobre usar a pintura, esse medium tão carregado de

história e poder, para esculpir nosso próprio monumento, um testemunho eterno de que, mesmo nas frestas mais escuras, florescemos. E que nossa simples existência, registrada na tela, no vidro ou na fotografia, já é a mais pura e revolucionária das obras de arte, um eco que se propaga no tempo, afirmando, para sempre, que estivemos aqui.







Trans Amazônica

Em **Trans Amazônica**, série que também dá nome à exposição, o percurso de vida, as narrativas auto(biográficas)(ficcionais) e uma nova experimentação pictórica da artista tornam-se espaço de relação entre aquilo que o retrato é capaz de registrar sobre uma pessoa e o que as pessoas retratadas têm como registro de si mesmas. A série opera como campo de escuta e troca, onde imagem, afeto e experiência se entrelaçam, afirmando o trânsito como método e condição de existência.



Trans Amazônica – Aires

*Acrílica, colagem e pastel oleoso
sobre tela
130 x 170 cm
2026*

#paratodomundover

Em destaque mulher branca de cabelos escuros e longos, ela veste uma saia preta e esta sentada de forma descontraída em um sofá cinza com capa amarelo ocre. O fundo é constituído de colagens de uma entrevista com a modelo e imagens de sua vida. Sobre as colagens uma fina camada de um rosa vibrante e respingos de marrom.



Trans Amazônica – Poliane

*Acrílica, colagem e pastel oleoso
sobre tela
150 x 75 cm
2026*

#paratodomundover

Em destaque mulher negra de cabelos escuros e longos, ela veste um cropped preto com abertura no peito, revelando um sutiã vermelho, veste shorts jeans, calcinha vermelha e brincos brancos, ela mostra um grande sorriso. O fundo é constituído de colagens de uma entrevista com a modelo e imagens de sua vida. Sobre as colagens uma fina camada de um rosa vibrante e respingos de marrom.



Trans Amazônica – Felisa

*Acrílica, colagem, pastel seco e
pastel oleoso sobre tela
150 x 75 cm
2026*

#paratodomundover

Em destaque mulher negra de cabelos pretos, longos e cacheados, ela veste cropped branco e calcinha branca, posa de uma forma sensual com uma das mãos segurando seus cabelos. O fundo é constituído de colagens de uma entrevista com a modelo e imagens de sua vida. Sobre as colagens uma fina camada de um rosa vibrante e respingos de marrom.





O Nascimento das Tupiniquins

Em **O Nascimento das Tupiniquins**, a apropriação de um ícone fundacional da pintura ocidental não busca reinscrição no cânone, mas sua desestabilização. Ao substituir a Vênus por travestis amazônicas, a artista desloca o centro da narrativa e produz uma contra-mitologia, em que o nascimento não é origem pura, mas invenção contínua. Aqui, a imagem deixa de operar como matriz universal para se tornar território de disputa, fabulação e reexistência.

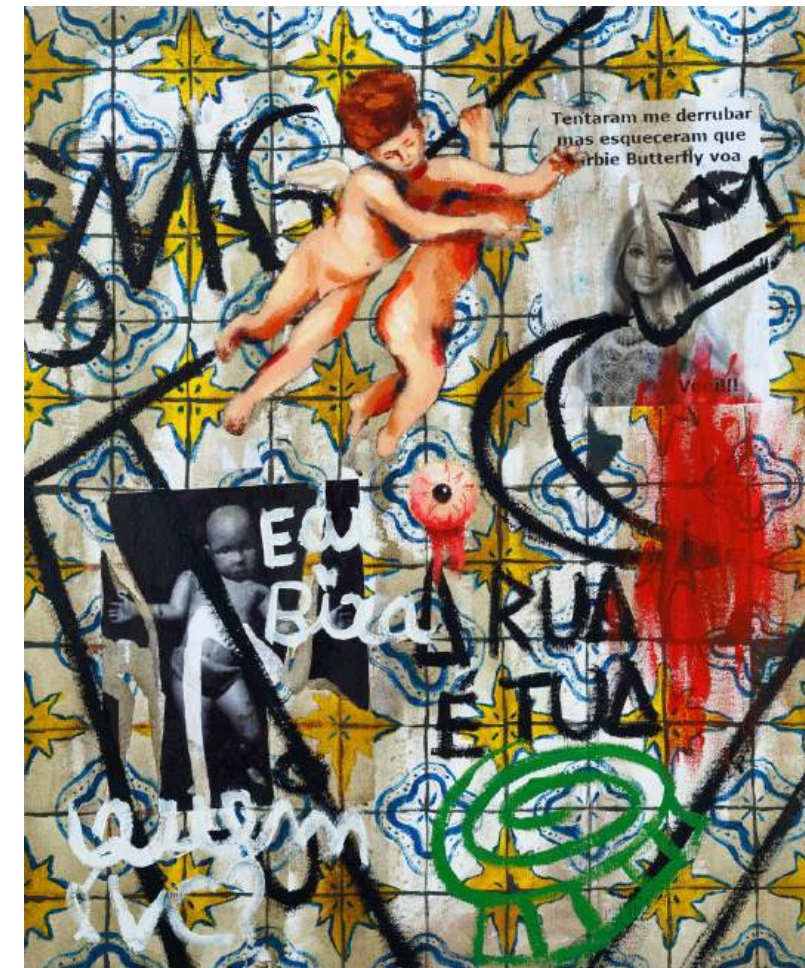


Azulejos IV

Acrilica e colagem sobre tela
70 x 60 cm
2021

#paratodomundover

A imagem trás em destaque as texturas da cidade de Belém. Em destaque pichações, um anjo e a palavra "Buneka" estão sobre um conjunto de azulejos azuis e brancos.



Azulejos V

Acrilica e colagem sobre tela
70 x 60 cm
2021

#paratodomundover

A imagem trás em destaque as texturas da cidade de Belém. Em destaque pichações, dois anjos e as palavras "E ai Bixa", "A rua é tua" e "Quem é vc" estão sobre um conjunto de azulejos azuis, brancos e amarelos.



O Nascimento das Tupiniquins – Flores Astrais

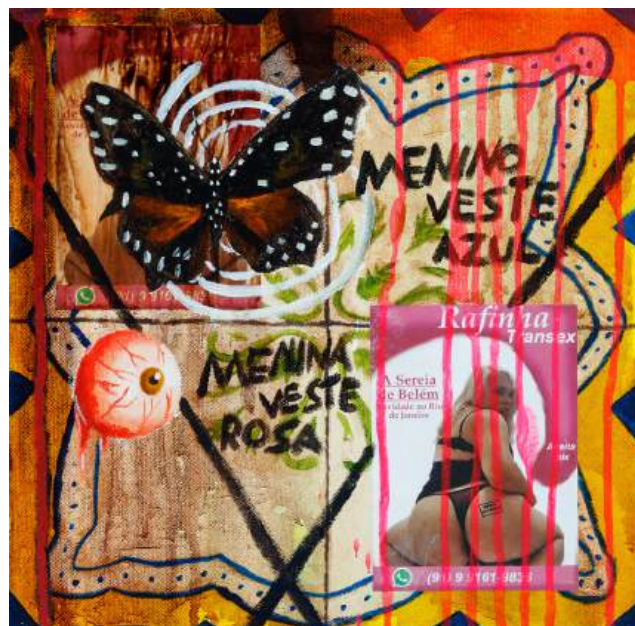
Óleo, Acrílico e colagem sobre tela
190 x 142 cm
2021

#paratodomundover

Em destaque uma figura feminina segura em seus braços um pano azul, ela encara o espectador, tem pele clara, cabelos castanhos. A sua volta figuras mitológicas parecem comemorar sua chegada, aos seus pés um rio corre com água marrom, no fundo, texturas da cidade de Belém.



A imagem mostra um site-specific, intervenção criada especialmente para a exposição “Trans Amazônica” na galeria Benedito Nunes. A obra se trata de uma releitura da obra “O Nascimento das Tupiniquins – Rafa”, nela a imagem da obra de referência é colada em preto e branco na parede com os anjinhos coloridos, pintados em tinta acrílica, a imagem colada sobre parede rosa exibe pichações, em destaque um Muiraquitã verde e as palavras “Gloria as Travestis”. A figura central está completamente pintada por uma cor rosa fluorescente.



Azulejos VIII

Acrilica e colagem sobre tela
20 x 20 cm
2021

#paratodomundover

A imagem trás em destaque as texturas da cidade de Belém. Em destaque pichações, um olho que flutua, uma borboleta preta e laranja, as palavras “menino veste azul”, “menina veste rosa” e um panfleto divulgando serviço sexual estão sobre um azulejo branco e amarelo.



Azulejos IX

Acrilica e colagem sobre tela
20 x 20 cm
2021

#paratodomundover

A imagem trás em destaque as texturas da cidade de Belém. Em destaque pichações, um olho que flutua sobre quadrado rosa, uma borboleta preta e verde, as palavras “ei bobinho”, “vamo agir” e dois panfletos divulgando serviço sexual estão sobre um azulejo branco, azul e amarelo.



Azulejos X

Acrilica e colagem sobre tela
20 x 20 cm
2021

#paratodomundover

A imagem trás em destaque as texturas da cidade de Belém. Em destaque pichações, três olhos que flutuam e encaram um panfleto com anuncio sexual, uma borboleta preta e laranja, as palavras “e ai bixa” estão sobre um azulejo branco e amarelo.

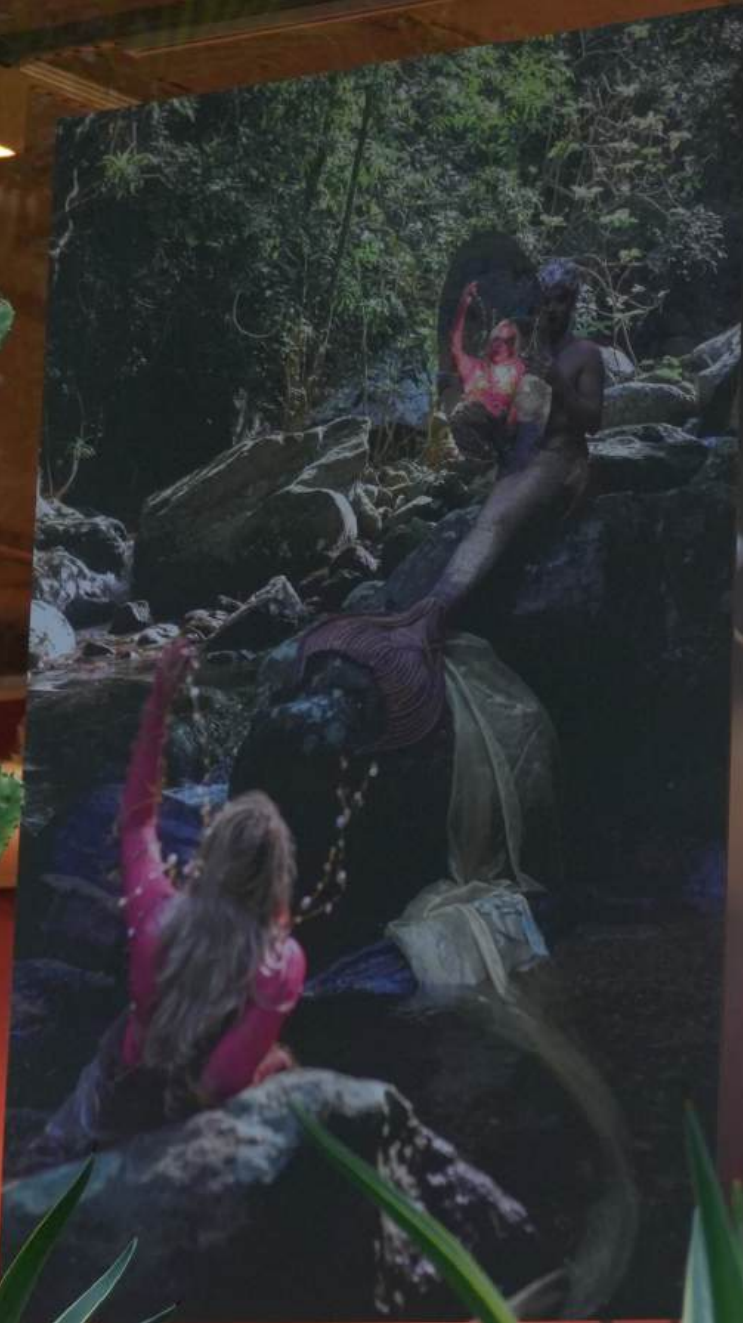


Azulejos XII

Acrilica e colagem sobre tela
20 x 20 cm
2021

#paratodomundover

A imagem trás em destaque as texturas da cidade de Belém. Em destaque pichações, um olho que flutua, uma borboleta azul, as palavras “maricona de calcinha” e um panfleto divulgando serviço sexual estão sobre um azulejo branco e amarelo.





Registros Gerais

Na série **Registros Gerais**, a escolha da acrílica sobre vidro tensiona a lógica dura dos dispositivos de identificação. Em diálogo com o formato 3x4, os rostos trans ali representados não se oferecem como dados fixos, mas como presenças frágeis e translúcidas, atravessadas pela vulnerabilidade do material. A imagem oficial é deslocada de sua função classificatória: o vidro ameaça quebrar, a identidade escapa. A técnica, mais uma vez, não serve à transparência, mas afirma a opacidade como direito.



RG – Rafaela

Acrilica sobre Vidro
70 x 60 cm
2021

#paratodomundover

A imagem mostra o busto da artista, mulher de pele clara, olhos pretos e cabelos longos claros acinzentados, ela olha fixamente para frente e tons de laranja, carmin e ocre estão bem marcados e destacados em pinceladas espessas que formam sua pele. Fundo branco.



RG – Felisa

Acrilica sobre Vidro
70 x 60 cm
2021

#paratodomundover

A imagem mostra o busto de uma mulher negra de pele retinta, olhos castanhos e cabelos longos escuros, presos e encaracolados ela olha fixamente para frente e tons de laranja e turquesa estão bem marcados e destacados em pinceladas espessas que formam sua pele, ela veste uma roupa branca com toques de azul e vermelho. Fundo cinza.

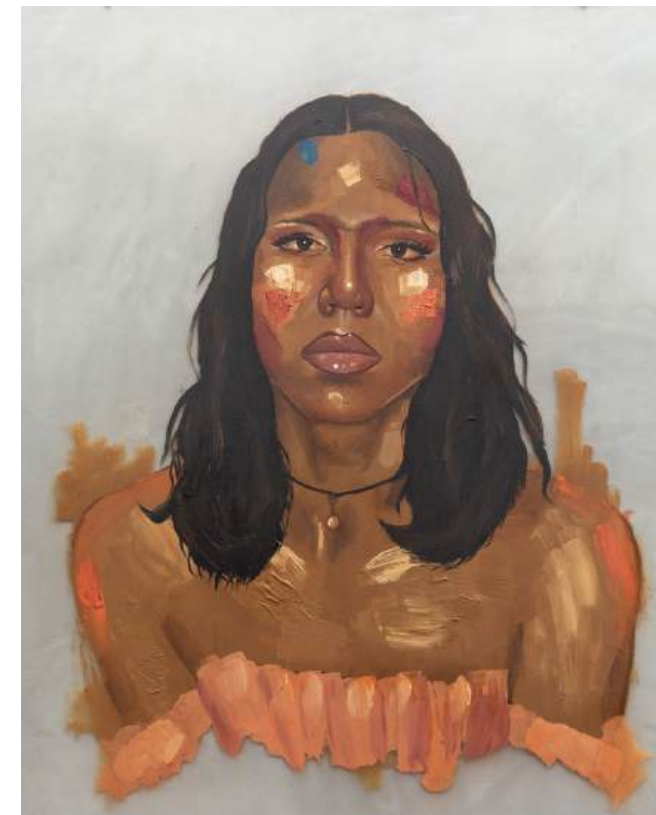


RG – Gabriela

Acrilica sobre Vidro
70 x 60 cm
2021

#paratodomundover

A imagem mostra o busto de uma mulher de pele com tom médio, olhos castanhos e cabelos presos em um coque no topo da cabeça, ela olha fixamente para frente e tons de laranja, carmin, turquesa e ocre estão bem marcados e destacados em pinceladas espessas que formam sua pele. Em seu pescoço esta um colar com pingente de navalha. Fundo cinza.



RG – Tiana

Acrilica sobre Vidro
70 x 60 cm
2021

#paratodomundover

A imagem mostra o busto de uma mulher negra de pele retinta, olhos pretos e cabelos pretos até os ombros, ela olha fixamente para frente e suas sobrancelhas estão descoloridas. Em sua pele tons de laranja, turquesa e ocre estão bem marcados e destacados em pinceladas espessas. Ela usa um colar com uma única perla como pingente e usa um vestido tomara que caia na cor salmão. Fundo cinza.





Encantarias Idílicas

Em **Encantarias Idílicas**, a técnica se expande para o campo performativo e fotográfico, ativando mitologias como espaços de fabulação política. A artista reinscreve o encantamento como estratégia de sobrevivência e criação, borrando as fronteiras entre humano e mítico. As imagens operam como portais sensíveis, onde corpos se articulam a entidades, paisagens e forças invisíveis, afirmando outras cosmologias possíveis.



Encantarias idílicas III

#paratodomundover

A imagem se trata de uma performance voltada para fotografia intitulada “Encantarias Idílicas”. A imagem trás uma paisagem onírica, em destaque uma sereia andrógena se encara em um grande espelho oval que carrega. A figura esta sentada em grandes pedras, no fundo uma vasta vegetação desfocada.



Encantarias Idílicas I

#paratodomundover

A imagem se trata de uma performance voltada para fotografia intitulada “Encantarias Idílicas”. A imagem trás uma paisagem onírica, em destaque uma sereia andrógena carrega um grande espelho oval, em sua frente uma figura feminina de pele rosa e cabelos loiros ergue a mão esquerda, seu rosto pode ser visto no grande espelho. Um grande tecido dourado percorre o caminho entre as figuras. As figuras estão sentadas em grandes pedras, no fundo uma vasta vegetação desfocada.



Encantarias Idílicas II

#paratodomundover

A imagem se trata de uma performance voltada para fotografia intitulada “Encantarias Idílicas”. A imagem trás uma paisagem onírica, em destaque um casal de criaturas mitológicas, uma sereia andrógina com um capacete feito de conchas deitada nos braços de uma figura feminina de pele rosa, cabelos loiros e uma grande saia dourada. As figuras estão sobre grandes pedras, em primeiro plano uma pedra dourada, no fundo uma grande cachoeira.



Encantarias Idílicas V

#paratodomundover

A imagem se trata de uma performance voltada para fotografia intitulada “Encantarias Idílicas”. A imagem onírica tem como destaque um rosto feminino, sua pele é rosa, seus cabelos dourados, seu rosto é cheio de pérolas, seus lábios pretos, ela encara o expectador. A sua frente um capacete feito de conchas.





Quebras

Na série **Quebras**, a pintura abandona a ilusão de estabilidade, e os corpos trans retratados rompem com a expectativa de legibilidade plena, instaurando uma visualidade atravessada por fissuras e fragmentos. Essas apropriações dialogam também com o movimento Raio que o parta – importante movimento arquitetônico paraense –, ampliando a compreensão da quebra como gesto político e poético. Assim, a ruptura não é apenas formal, mas histórica, social e simbólica. O gesto de estilhaçar se desdobra como movimento: corpos que vibram, superfícies que cedem, imagens que se recusam a permanecer intactas. O ato coletivo de quebrar azulejos, incorporado à expografia, radicaliza essa dimensão processual.



Mariposa I

Acrílico sobre cerâmica fixada em tela
20 x 20 cm
2025

#paratodomundover

A imagem retrata uma mariposa em tons de cinza e amarelo sobre uma peça de azulejo que está partida em 3 partes. O rejunte que une os fragmentos é de um rosa intenso.



Mariposa V

Acrílico sobre cerâmica fixada em tela
20 x 20 cm
2025

#paratodomundover

A imagem retrata uma mariposa em tons de preto, cinza e laranja sobre uma peça de azulejo que está partida em 3 partes. O rejunte que une os fragmentos é de um rosa intenso.



Mariposa III

Acrílico sobre cerâmica fixada em tela
20 x 20 cm
2025

#paratodomundover

A imagem retrata uma mariposa em tons de laranja, preto e marrom sobre uma peça de azulejo que está partida em 4 partes. O rejunte que une os fragmentos é de um rosa intenso.



Quebras – Erika Hilton

Óleo e Acrílico sobre tela
190 x 80 cm
2025

#paratodomundover

A imagem retrata a Deputada Federal Erika Hilton, mulher negra de cabelos loiros, ela usa um conjunto com blazer, saia e sapatos vermelhos. Ela olha para o expectador sobre um fundo representando a bandeira brasileira em cacos de tons amarelos e verdes.

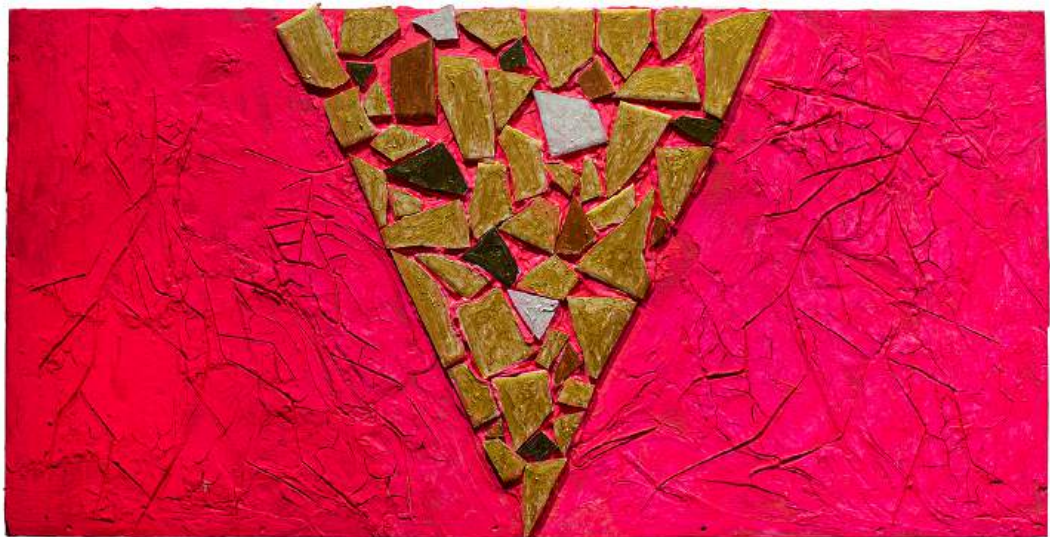


Sem Título

Acrílico e óleo sobre cerâmica
fixada em madeira
80 x 50 cm
2025

#paratodomundover

A imagem retrata a artista sentada de costas para o expectador, ela tem pele clara, uma grande tatuagem de tornado nas costas e seus cabelos são dourados. Vários fragmentos de cerâmica estão fixados na obra por um rejunte espesso de um rosa intenso.



Raio Que O Trava 8

Acrílico sobre cerâmica fixada em madeira
50 x 100 cm
2025

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos dourados, que formam um triangulo invertido, fixados em madeira por uma grossa camada de um rosa intenso.



Raio Que O Trava 10

Acrílico sobre cerâmica fixada em madeira
50 x 100 cm
2025

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos de azulejos nas cores: amarelo, vermelho e verde. Eles estão fixados em madeira por uma grossa camada de um rosa intenso.



Raio Que O Trava 9

Acrílico sobre cerâmica fixada em madeira
50 x 100 cm
2025

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos azuis e brancos, que formam um triangulo central do fundo rosa e um triangulo branco em paralelo, fixados em madeira por uma grossa camada de um rosa intenso.

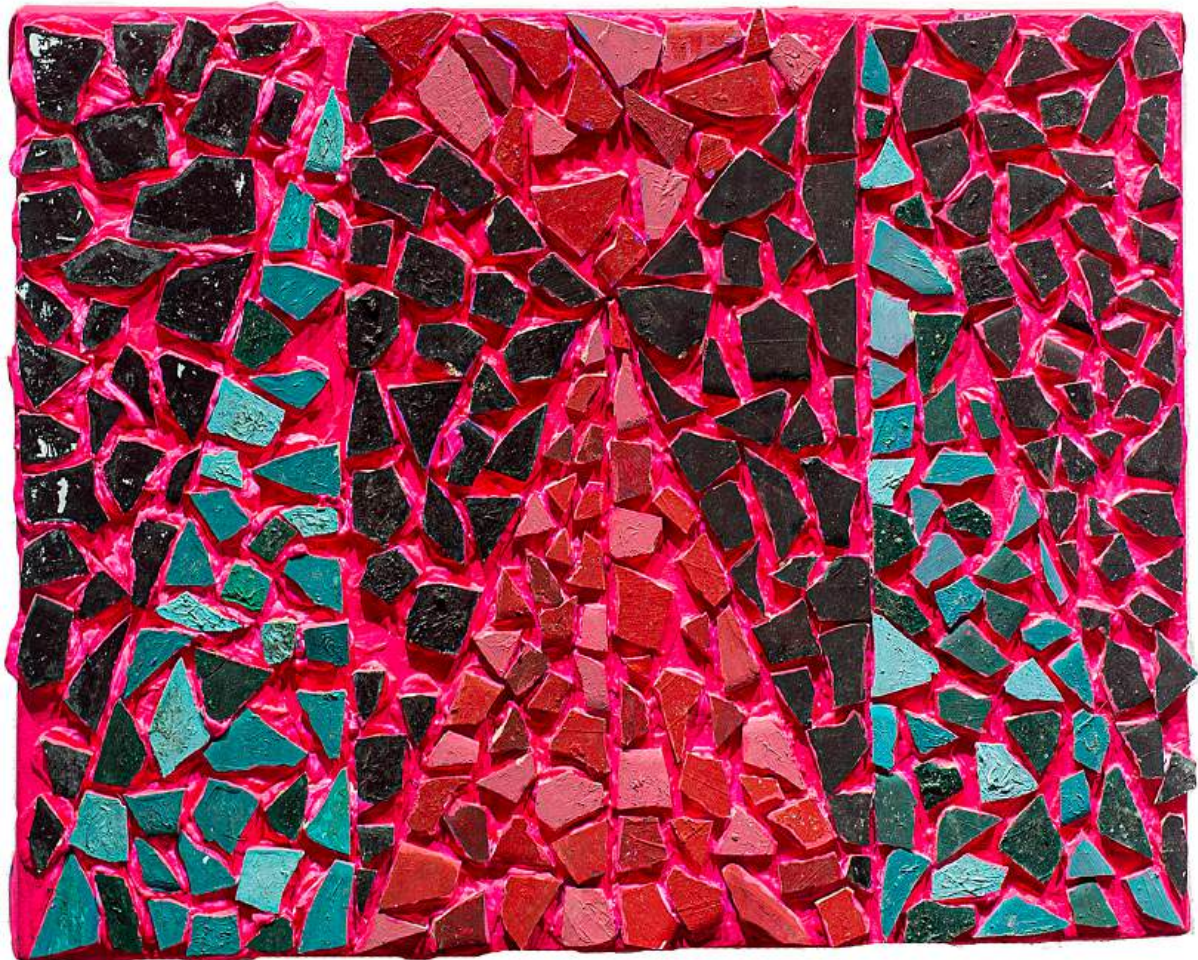


Raio Que O Trava 4

Acrílico sobre cerâmica fixada em madeira
50 x 40 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos em cores sortidas, fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Raio Que O Trava 3

Acrilica sobre cerâmica fixada em madeira
50 x 40 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos em cores sortidas, fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Raio Que O Trava 2

Acrilica sobre cerâmica fixada em madeira
50 x 40 cm
2024

#paratodomundover A obra trás diversos fragmentos em cores sortidas, fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Quebras 8

Óleo sobre cerâmica fixado em tela
20 x 20 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos de azulejos de cores sortidas fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Quebras 13

Óleo sobre cerâmica fixado em tela
20 x 20 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos de azulejos de cores sortidas fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Quebras 11

Óleo sobre cerâmica fixado em tela
20 x 20 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos de azulejos de cores sortidas fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Quebras 3

Óleo sobre cerâmica fixado em tela
40 x 40 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos de azulejos portugueses (em branco, azul, amarelo e verde) fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Quebras 6

Óleo sobre cerâmica fixado em tela
20 x 20 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos de azulejos portugueses (em branco, azul, amarelo e verde) fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Quebras 2

Óleo sobre cerâmica fixado em tela
40 x 40 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos de azulejos portugueses (em branco, azul, amarelo e verde) fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Quebras 4

Óleo sobre cerâmica fixado em tela
40 x 40 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos de azulejos portugueses (em branco, azul, amarelo e verde) fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Quebras 5

Óleo sobre cerâmica fixado em tela
40 x 40 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos de azulejos portugueses (em branco, azul, amarelo e verde) fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Quebras 7

Óleo sobre cerâmica fixado em tela
40 x 40 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos de azulejos portugueses (em branco, amarelo e verde) fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Quebras 15

Óleo sobre cerâmica fixado em tela
20 x 20 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos em cores sortidas, fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.



Quebras 14

Óleo sobre cerâmica fixado em tela
20 x 20 cm
2024

#paratodomundover

A obra trás diversos fragmentos em cores sortidas, fixados em tela por uma grossa camada de um rosa intenso.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

GOVERNADOR:
HELDER BARBALHO

VICE-GOVERNADORA:
HANNA GHASSAN TUMA

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ

PRESIDENTE:
THIAGO FARIAS MIRANDA

DIRETORA DE INTERAÇÃO CULTURAL:
CLAUDIA PINHEIRO

GALERIA BENEDITO NUNES

GERENTE:
ELIANE MOURA

EQUIPE:
CAROLINA RIBEIRO, PABLO MUFARREJ, RENATO TORRES

ESTAGIÁRIOS:
CÉLIO DUARTE, PABLO ALBINO, TALITA MARQUES

TRANS AMAZÔNICA

CURADORIA:
EDUARDO BRUNO E WALDÍRIO CASTRO

EXPOGRAFIA:
EDUARDO BRUNO E WALDÍRIO CASTRO

REVISÃO TEXTUAL:
RAFAELA MOREIRA

MONTAGEM E ILUMINAÇÃO:
MANOEL PACHECO

DESIGN GRÁFICO:
ELLA MONSTRA

